

Apresentação

Ulisses Razzante Vaccari

Os poemas que seguem são fruto de um desvio, de um extravio; de sentido, de conduta e de fidelidade. Em carreira dedicada à filosofia, sempre flertei com o inimigo, como que para não perdê-lo de vista. Que se podia apreender assim, tacitamente? Talvez a inoperância da palavra poética que, com o perdão da ousadia, penso ter tocado de leve em sua essência. Desde cedo veio o gosto do desespero, que constitui a poesia mais séria. Em companhia de poetas mais leves, a ironia, em face de suas fantasias, com a vergonha secreta por seus mais baixos despudores. E se o essencial da poesia não residisse, talvez, na ausência, na negatividade diante de vidas por vezes demasiado repletas de sentido? Não é questão aqui, decerto, do romantismo mais rasteiro, da negatividade trocada por um sentimento qualquer, mas do trabalho incansável da linguagem, que, como um diapasão, paradoxal, torna presente a harmonia pela ausência. Não é, assim, pelo caos, que toda ordem adquire (algum) sentido?

É preciso dizer que a filosofia apenas deixou de ser estéril para mim no dia em que pude enxergá-la em seu ser-outro, em seu oposto; quando sua especificidade se diluiu e se confundiu, naquele momento em que estive prenhe de seu próprio estranhamento (talvez por isso o ceticismo sempre me pareceu a mais conseqüente e corajosa forma de pensamento). Saber transitar desde o Si mesmo até a margem oposta, o inteiramente outro, sem dilaceramento – eis o que ensinava a filosofia romântica e o que, desde então, constitui para mim poesia em seu sentido mais profundo: a transição dos opostos (não a superação), a capacidade de passar do mais elevado ao mais baixo sem aniquilamento; a capacidade de trocar o mundo dos deuses pelo dos homens, e este por aquele, e manter em si a unidade de ambos. Não se trata do poético, palavra vazia, maltratada pelos filósofos e espécie de jargão viciado pela mesma abstração metafísica de sempre; tampouco se trata do sentimentalismo rasteiro dos Moraes e dos Nerudas. A principal característica da poesia reside para mim na elasticidade própria da linguagem, que a permite romper com o limite do assim chamado poético (o elevado) e arriscar-se na direção do prosaico (o cotidiano), sem assumir inteiramente sua forma; elasticidade que permite à poesia flertar com a não-poesia, como uma forma de subverter a si mesma, sua essência e sua natureza, enveredando por uma senda insuspeita e inesperada. O elemento surpresa, a ausência do solo, a falta de ar: eis o que toda poesia deveria perseguir. Mas não o simples choque, o puro golpe, mas, reitero, a ausência e a falta poéticas, perseguidas pelo exercício contínuo e ininterrupto e infinito do caráter elástico da linguagem, o trabalho paciente da ausência que leva ao êxtase.

Poesia poderia ser definida, talvez, como o esforço de perseguição e fuga simultâneas dos extremos do poético e do prosaico. O movimento de deixar o elevado e vazio poético para trás, o esforço em direção ao oposto, ao prosaico, e o retorno estranhado a si mesmo. Daí a sugestão,

sem dúvida paradoxal, de que a poesia deve ser não poética em sua *exposição*, e mais propriamente prosaica. Mas não simplesmente prosaica, e sim poético-prosaica, produto do esforço elástico de abandono do que é íntimo, a conquista do estranho. Assim não se dá o retorno ao mesmo, agora outro?. Com isso, a poesia conquista finalmente a sua pátria, o paradoxo, como atesta, entre outros, Murilo Mendes, o nosso poeta mais antipoético: "Atraído simultaneamente pelo terrestre e o celeste, pelo animal e o espiritual, entendi que a linguagem poderia manifestar essa tendência, sob a forma dum encontro de palavras extraídas tanto da Bíblia como dos jornais; procurando mostrar que o 'social' não se opõe ao 'religioso'"¹.

A cidadela

Antigamente,
Quando a gente era pobre
E ninguém sabia de que dor era o mundo
E o pássaro cantava apenas por isso
Não havia um além do pássaro
Ou do canto
Tudo era cor sobre cor

E o que desbotou virou cinza
E o que calou ficou mudo
E a fumaça subiu silenciosamente pelos telhados
Das casas apagadas e apagadas e apagadas
Na cidadela que se espriava por entre os montes

Mas no fundo um pássaro que ficou
No fundo do peito da dor
Que flutua e flui e paira e jorra
E jorra como o canto de dentro
Da linguagem

No som do dia-a-dia
Uma cor abafada pelos transeuntes
Um grito espremido pelos falantes
Algaravia de um dia
E nada foi realmente dito
Que foi realmente falado
Que não caiba numa única sílaba
E ainda nada restou para falar

Mas ficaram todos tortos por um fio
Entre a curva da rua que desce
E a reta da ladeira que sobe
Para o nada além do nada

¹ Murilo Mendes, *A poesia e o nosso tempo*. In: "Antologia Poética". São Paulo: Cosac Et Naif, 2014, p.251.

E eu que ainda estou aqui
Como um fio de água
Que escorre
Obstinadamente pelo meio fio
Sob os pés, sob o sol e a chuva
E o medo e a risada de quem passa
Por cima

O corpo da tarde

Quando me fecho dentro dos meus olhos
E aperto com força a existência
E esqueço do meu corpo
Me recordo da ausência
Do teu tão proximamente corpo
Que agora presente

As carícias, a sede da pele
O selo do beijo da tarde
A deflagrar a tempestade
E nós protegidos do tempo
Que arde

Manifesto

Contra essa vida pequeno-burguesa de família feliz pai mãe filhinho sorriso no shopping center de domingo eu tenho o samba. O samba safado, o samba surrado, o samba sabiá. O samba-tristeza de cartola, o samba-escarrado nos versos-pigarros, o samba melodia-ironia-adoniran, o samba melancolia-de-caixinha-de-fósforo-nelson-sargento. O samba contra o espírito natalino, contra o fim de ano, a favor do carnaval, o samba-carnal dos poros da vida, que vaza a morte, respira a tristeza, trucidada a verdade, o samba que excita a cidade, que palpita, e precipita, o samba que chora esse choro da existência bandida, da existência perdida, da existência fudida; que chora o sem sentido, o sem partido. Contra essa vida performático-acrobática esquelético-hepática, contra essa vida raquítica, eu tenho o samba vagabundo, o samba moribundo, o samba submundo, o samba do fundo, sangue na veia, fogo na venta, o samba capital, o samba visceral, o samba-sarjeta, expulso, proibido, malvisto, ignorado, rejeitado, escarrado; o samba mal-ajambrado, revoltado, o samba das beiradas, das velas, das favelas. O samba grito de dentro, dos cortiços, o samba desabafo, o samba desdentado, vicioso, o samba dos quintos-dos-infernos, o samba o grito do diabo. Contra a felicidade enojada, a alegria forjada, contra essa vida transbordante de sentido, contra a mentira e a verdade, o samba, o samba, o samba. Mas no lugar de samba pode-se ler simplesmente a poesia.

O amarelo das horas

O teu cheiro no meu cheiro
Um olhar atravessado e certo
A risada ecoada no peito
Insufla a vida do dia
Um raio de sol perfura o ambiente
E o jovial calor da hora matutina
Tudo está azul e vermelho
E calmo e suave como um lago no sopé da montanha
O amarelo das horas se prolonga e se inflama
E teus cabelos a me proteger da queda
No leito que flutua no espaço líquido
Do tempo